A Gentilândia e o bairro do Benfica
(A Vila Gentil)

Pedro Alberto de Oliveira Silva*

O presente artigo é um testemunho de quem nasceu e viveu a adolescência na Gentilândia, quando era *Vila Gentil*, em uma época que merece não ser esquecida. Há uma curiosidade muito natural das pessoas em conhecer o passado, pois o *tempo* está apagando tudo. Lembranças são acontecimentos e fatos que foram guardados em nossa memória. Infelizmente ficam irremediavelmente perdidas se não tiverem sido relembradas por escrito. Geralmente as recordações carregam emoções. Poderemos também dizer que *há emoções que traduzidas em palavras, perdem grande parte de seu encanto.*

Cada época e bairro de uma cidade têm uma história que lhe caracteriza e dá existência. O ambiente, as casas e, principalmente, as pessoas se inter-relacionando em uma teia socioeconômica característica. Aqueles que nela viveram são os únicos que sentiram o pulsar pleno de seu dia a dia.

É difícil descrever, objetivamente, o que foi a *Vila Gentil* conciliando os métodos narrativo, descritivo e interpretativo nos limites de um artigo, tal o número de informações que podem ser trabalhadas de forma coerente para o entendimento de quem está interessado. Lembramos que ela existiu há mais de setenta anos e seus contemporâneos remanescentes possuem mais de sessenta.

Existe um livro de autoria do pesquisador *Francisco de Andrade Barroso* intitulado *O Benfica de ontem e de hoje*, publicado em 2004, que possui muitas informações históricas de todo o Benfica, incluindo a Gentilândia, fruto de muitos anos de pesquisa documental e entrevistas

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

pessoais com antigos moradores do bairro, o que lhe trouxe alguns lapsos, tais como, ordenação cronológica e algumas informações erradas Mesmo assim, talvez seja o único que retrata detalhadamente um bairro de nossa Capital.

Fortaleza em 1930 possuía uma população estimada de 117.000 habitantes, em 1940, 180.000, em 1950, 270.000, em 1960 já contava 515.000. O cotidiano de seus moradores possuía um estado de espírito todo especial, calmo, tranquilo e pacífico, muito diferente da realidade existente na Fortaleza de hoje com mais de dois milhões (2.000.000) de habitantes, embrutecida pelo seu tamanho, pela quantidade e variedade de sua população, oriunda dos mais variados locais do Ceará, convivendo um contexto socioeconômico caótico.

Reconstituir detalhes da história de um bairro, mesmo sendo de uma cidade relativamente pequena do meado do século XX como Fortaleza, em comparação a metrópole atual, não é tarefa fácil. No caso específico do Benfica e da Gentilândia, são poucos os testemunhos pessoais de seus contemporâneos, pois quase todos já morreram. A maioria das casas foi demolida ou descaracterizada e mudados alguns nomes de ruas tradicionais. Tudo concorreu para não ser preservada sua história. Com a extinção da *Vila Gentil,* consequência da liquidação do Imobiliário José Gentil S/A e do Banco Frota Gentil, a Gentilândia daquele tempo desapareceu, atualmente essa designação é apenas uma tradição.

Quando os registros eletrônicos e magnéticos não existiam, fotografar era atividade restrita a profissionais e para alguns amadores, e uma ocupação dispendiosa que exigia de seu usuário certo conhecimento específico. Não era fácil se conseguir uma boa fotografia: saber fotografar, o preço da máquina, do filme, e sua revelação. Quando o *filme queimava,* todo o trabalho estava destruído, era o mesmo que apagar um arquivo em um computador. O que foi fotografado ficava perdido para sempre. Uma máquina fotográfica existente na época da *Vila Gentil,* tirava 36 ou 24 fotografias. Atualmente, fotografamos com uma *câmera digital* centenas delas, apenas focando e clicando. Com um *celular* aprimorado podemos gravar o som e a imagem e divulgá-lo para todo mundo civilizado através da internet.

Com o advento e popularização da máquina de filmar, televisão e da informática, juntamente com o aprimoramento técnico da imprensa, o passado não fica mais totalmente perdido. Explicamos com outras palavras, a gravação do som, da imagem, e daquilo que foi registrado

por escrito, com sua divulgação pelos meios de comunicação, conservou o passado das últimas décadas nos arquivos informatizados e nos periódicos, ficando à disposição dos pesquisadores. A democratização da informação tornou-se essencial, até certo ponto, para o aprimoramento da sociedade. Dificilmente podemos esconder das pessoas esclarecidas o significado e a realidade dos acontecimentos e fatos históricos atuais.

O bairro do Benfica é um dos mais antigos e tradicionais de Fortaleza e surgiu em um trecho da então chamada Estrada de Arronches, depois avenida Visconde de Cauipe e, atualmente, avenida da Universidade; em um percurso pouco menor de dois quilômetros. Sobre *o Visconde de Cauipe (Severiano Ribeiro da Cunha*), o Barão de Studart escreveu no seu *Dicionário biobibliográfico cearense*, em 1915, que foi "o maior filantropo que o Ceará produziu. Seu nome batiza um dos mais lindos e opulentos boulevards da cidade". No começo do século passado era um lugar onde existiam muitas casas, chácaras e árvores, o que lhe dava excelentes condições de morada. (Fotos 1, 2 e 3).

Foto 1 - Início da avenida Visconde de Cauipe, próximo as "caixas d'água".

Foto 2 - Avenida Visconde de Cauipe esquina com rua 13 de Maio, onde dobrava o bonde do prado, em frente a mansão do Sr. José Gentil. No detalhe: homem sentado no jumento.

Foto 3 - Trecho da avenida Visconde de Cauipe pouco antes da Igreja dos Remédios, onde pode-se ver lampiões, vendedores ambulantes (boleiro, padeiro e outros. (Arquivo Nirez).

Mais exatamente, situava-se entre as ruas Antônio Pompeu (próximo a Faculdade de Direito da UFC e ao lado das Caixas d'Água) e a rua Padre Cícero, já no bairro de Jardim América. Para outros, seu limite seria a rua Adolpho Herbster, onde terminavam os trilhos do "bonde" da linha Benfica, e o calçamento de granito, em formato de paralelepípedos. Nesse local existia a "mercearia de primeira ordem "do senhor Rabelo. Atualmente localiza-se um "motel". A partir dali, até Parangaba (antigamente Arronches), hoje um bairro, a estrada era de "concreto" com o nome de avenida João Pessoa. Pelo nascente, fazia limites com as ruas Senador Pompeu e avenida dos Expedicionários, e pelo poente, com as ruas Tristão Gonçalves e Carapinima. Essa localização já era estabelecida pela Prefeitura de Fortaleza. (Foto 4).

A Gentilândia, como parte dele, localizava-se entre a avenida da Universidade (antigamente avenida Visconde de Cauipe), ao norte, a rua Marechal Deodoro, ao sul; a rua 13 de Maio (depois avenida), ao nascente; e rua Adolfo Herbster, ao poente. Era formada em seu interior pelas ruas: Paulino Nogueira e Padre Francisco Pinto, ambas começando na avenida Visconde de Cauipe e terminando na Rua Marechal Deodoro, ao lado do Estádio Presidente Vargas. Paralela à Avenida Visconde de Cauipe existiam a rua São José do Tatuapé (atualmente João Gentil);

Foto 4 - Final da avenida Visconde de Cauipe, fim da linha dos bondes do benfica e ponto dos ônibus do benfica. (Arquivo Nirez).

Rodolfo Teófilo (atualmente rua Waldery Uchoa) entre a avenida Treze de Maio e Adolfo Herbster, e as ruas internas: Nossa Senhora dos Remédios, entre a /avenida Treze de Maio e rua Padre Francisco Pinto; Nossa Senhora de Lourdes (atualmente rua Costa Sousa), Rua Santo Antônio, entre a avenida Treze do Maio e rua Paulino Nogueira; Travessa Sobral (atualmente rua Redenção) entre Padre Francisco Pinto e Adolfo Herbster; e as chamadas vilas sem saída, ditas *particulares*: Vila Santa Cecília, Vila Santa Rita, Vila Santa Luzia, todas começando na rua Paulino Nogueira, e finalmente a Vila Santana, começando na rua Padre Francisco Pinto; iniciando-se nesta, existia ainda, a rua Júlio César, indo até a rua Adolfo Herbster. Logo depois dessas ruas começava uma grande área coberta de capim onde se encontrava a Lagoa do Tauape, alimentada pelo riacho do mesmo nome procedente das bandas do bairro do Parangabuçu e outros menores que se formavam na época do inverno. As *Vilas Santa Rita* e *Santa Luzia* foram demolidas pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e ocupados seus espaços pelo terreno da Reitoria e uma agência do Banco do Brasil. (Ver mapa).

A Vila Gentil (Gentilândia) foi um lugar bem definido e privilegiado do Benfica. Basta dizer que as únicas grandes praças desse bairro, ainda existentes, estão localizadas ali. Talvez tenha sido o mais arborizado de Fortaleza. Árvores cobriam grande parte de sua área, principalmente com mangueiras. Poucas, quase centenárias, ainda sobrevivem. Esse lugar tão especial para quem lá morou, existiu nas décadas de 1930, 1940, desaparecendo no decênio seguinte, quando suas casas começaram a ser vendidas pela Imobiliária José Gentil S/A, preferencialmente aos seus moradores, e para a Universidade Federal do Ceará. (foto 5).

Foto 5 - Mansão do coronel Gentil, atualmente Reitoria da Universidade Federal do Ceará. (Arquivo Nirez).

Seu fundador, José Gentil Alves de Carvalho, nasceu em Sobral, em 1866, e faleceu em Poços de Caldas, Minas Gerais, em 1941. Com a esposa D. Maria Amélia da Silva Frota (D. Melinha) teve quinze filhos: três homens, um dos quais, José da Frota Gentil era padre jesuíta, e doze mulheres; seis seguiram a vida religiosa e Francisca (D. Chiquita Gentil) ficou solteira. Os sete casados deram-lhe 69 netos. Seus descendentes tomaram *GENTIL* como sobrenome. Durante sua existência de 74 anos exerceu atividades como comerciante, empresário e banqueiro. O coronel Gentil foi um empresário empreendedor e em certos aspectos original. É

certo que construiu casas para alugar, porém não se esqueceu de fazê-las da melhor maneira para fruição de seus moradores. Todas possuíam água encanada, esgoto e outros serviços básicos de qualidade funcionando. Para isso havia uma administração central chefiada pelo senhor José Vitorino de Menezes, na rua Padre Francisco Pinto, que dispunha de uma equipe de operários especializados para realizar os serviços relacionados com a manutenção e serventia das casas. Tudo gratuito e rápido.

Na praça principal da Gentilândia existia um pilar de alvenaria, pouco mais de dois metros, com um formato especial (a parte superior era oval) com os dizeres: *PARQUE DA GENTILÂNDIA,* em letras maiores, e PARA USO E GOZO DOS MORADORES, pintado de branco sobre fundo vermelho de uma placa de ágata. Já naquele tempo, suas letras serviam de alvo para alguns "vândalos" atirarem com "baladeiras". Vale recordar que aquele local era sombreado com mangueiras (Ver foto 13).

Aquele empresário era um cidadão com forte convicção católica. A maioria das ruas tinha nomes de santos, e sete dos seus quinze filhos seguiram a vida religiosa. Destacamos que a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios foi elevada a paróquia, em 1934, e concluída em 1936, sendo que em grande parte, foi obra da família Gentil que tinha lugares cativos nos primeiros bancos do templo. Os beneficiários daquele privilégio pagavam uma mensalidade.

Como já afirmamos a **Vila Gentil** era um pequeno bairro do **Benfica**, portanto inter-relacionado com ele. Eram pontos de referência: o Colégio Santa Cecília, só para moças, na esquina com a rua Treze de Maio (naquela época rua), a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios com a Casa das Missões, vizinha a ela, morada dos padres Lazaristas holandeses que davam assistência religiosa a paróquia, *o Dispensário dos Pobres* dirigido pelas Irmãs de Caridade ou filhas de São Vicente de Paulo, todos localizados na avenida Visconde de Cauipe; o **Prado***,* também chamado bairro, antes hipódromo e campo de futebol, localizado na rua Marechal Deodoro. Gozando desse status porque era o fim da linha do bonde do Prado. A **Lagoa do Tauape**, apesar de não estar vizinho a Gentilândia, era considerada uma parte dela porque as ruas transversais terminavam no capinzal que se estendia até a avenida João Pessoa. Era um belo postal do bairro, ou mesmo de Fortaleza, principalmente porque era emoldurada por um lindo bambuzal que a franqueava pelo lado do Marechal Deodoro. Foi aterrada por volta de 1955, sendo atualmente a chamada avenida do Canal. Dizia-se que as "muriçocas" que infestavam o local provinham dela.

Foto 6 - Igreja Nossa Senhora dos Remédios na época da Vila Gentil.

A presença da Igreja dos Remédios (foto 6), foi uma das recordações queridas para nós e penso que para contemporâneos. A dedicação dos padres Lazaristas holandeses para com os paroquianos foi memorável. Atendiam aos fieis a qualquer hora do dia ou da noite que necessitassem de seus préstimos religiosos. As missas dominicais, dos dias santos e diárias, eram lembradas aos fieis pelo dobrar dos sinos, o *Ângelus* sempre nos levava a reflexão. O relógio, doado pelo coronel Gentil, batia os quartos, meia hora e as horas; ecoando para bem longe, estava sempre lembrando a Igreja. As aulas de *catecismo* ministradas por zelosas catequistas supervisionadas pelos padres era um reforço à fé católica. Havia, também, nos fundos da Igreja, o Salão São Vicente de Paulo onde ocor-

riam reuniões de vária natureza e a realização de aulas de alfabetização para adultos, geralmente ministradas por confrades da *Sociedade de São Vicente de Paulo*, os *vicentinos,* como eram chamados.

Foi marcante a participação histórica dela na vida social do bairro, como polo centralizador de pessoas das mais diferentes classes socioeconômicas, que tinham ali um lugar em comum. Por ser uma grande Vila, constituída por casas de aluguel com qualificações e preços diferentes, vivendo num mesmo ambiente, formou-se nela uma verdadeira comunidade, no sentido exato do termo. Habitaram ali: profissionais liberais, comerciantes, comerciários, bancários, militares, funcionários públicos. Muitos foram temporários, outros permaneceram até a extinção da Imobiliária José Gentil, quando puderam comprá-las a prestação.

Além das missas que agregavam os moradores, pondo em contato direto uns com os outros, havia as *novenas*, principalmente as do mês de maio, dedicadas a mãe de Jesus Cristo (Nossa Senhora), que atraiam grande número de fiéis do Benfica e de outros locais. Não era apenas o zelo religioso, era também o divertimento, principalmente para os jovens que iam ali para *flertar*, paquerar atualmente, somente que isso era um ato mais sentimental e casto. Os valores morais e éticos eram outros.

Inesquecíveis foram as *quermesses* e os *leilões* organizados para angariar dinheiro para a realização de obras beneficentes da paróquia. Os leilões eram uma vez ou outra realizados no pátio da Igreja, com doações de pessoas mais generosas. E pasmem, iam para leilão um frango ou peru assado, às vezes acompanhado com uma garrafa de vinho; um bolo confeitado, meia dúzia de garrafas de cerveja ou outros objetos de mais valor. Os arrematadores pagavam preços muitas vezes mais altos do que o valor real das prendas, a título de ajudar a renda do leilão ou para mostrar destaque financeiro. As *quermesses* duravam uma semana ou mais e tinham a mesma finalidade dos leilões. Algumas delas foram realizadas na rua Padre Francisco Pinto, ao lado da Casa das Missões, e o Dispensário dos Pobres, entre a avenidas Visconde de Cauipe e a rua Carapinima, fechada ao tráfego de veículos que por sinal era muito pequeno, por não ser passagem de ônibus.

Outro local, coberto de mangueiras, onde se realizaram *quermesses* foi um terreno grande que havia entre a casa do senhor Joahannes Maehlmann, alemão de nascimento, gerente das Casas Pernambucanas, localizada na esquina da rua Padre Francisco Pinto e aquele onde existiu a mansão do senhor João Gentil (foto 7) depois Escola Doméstica, Gi-

násio Americano e Ginásio Nossa Senhora das Graças. Aquele cidadão possuía dois filhos: o Joahannes (filho), conhecido também por Rany, e sua irmã Aída, considerada uma das moças mais bonitas da Gentilândia. O Rany afirmou que seu pai pagava Cr$ 400,00 de aluguel.

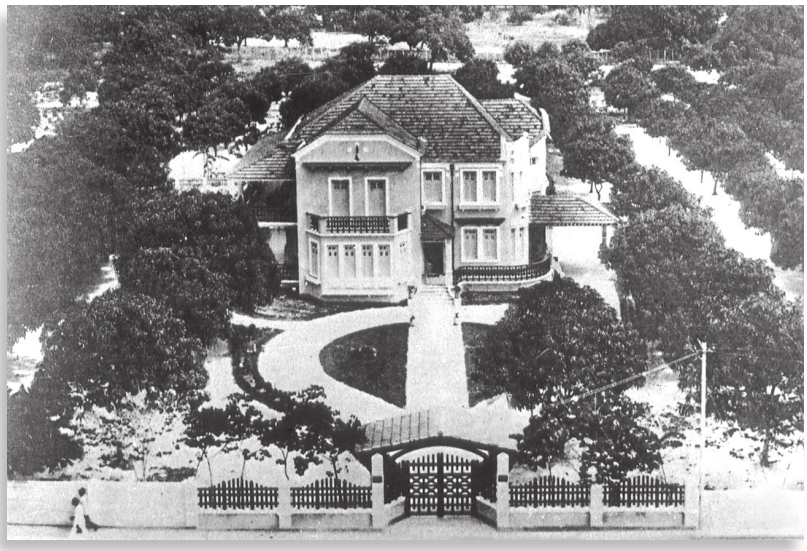


Foto 7 - Mansão do Senhor João Gentil, posteriormente: Escola Doméstica, Ginásio Americano e Ginásio Nossa Senhora das Graças. Foto tirada do alto da Igreja Nossa Senhora dos Remédios (Arquivo Nirez).

Atualmente todo aquele local está ocupado pelos blocos administrativos da Universidade Federal do Ceará. Alias, naquela época existiam apenas esses imóveis na avenida Visconde de Cauipe, confrontando com a Igreja dos Remédios e a Casa das Missões. No quarteirão que lhe seguia existia o terreno da mansão do coronel Gentil e mais duas casas de luxo que ele mandou construir para os filhos.

O tradicional bairro do Prado estava localizado onde se encontrava o citado hipódromo e campo de futebol, e arredores. Logo após a construção do Estádio Presidente Vargas, no começo da década de 1940, aquela área ficou dividida pela rua Paulino Nogueira; ficando uma parte ocupada por aquela praça de esportes, e a outra desocupada. Nela funcionou por pouco tempo, durante a Segunda Guerra Mundial, o Serviço Nacional de Trabalhadores para a Amazônia (SENTA) onde ficavam em rudes telheiros os chamados *soldados da borracha*, esperando embarque para

o Amazonas onde deveriam extrair borracha dos seringais como esforço de guerra. É um assunto pouco conhecido de nossa história. Aqueles operários ficaram ao findar a guerra completamente abandonados pelo poder público, entregues a própria sorte. (fotos 8 e 9).

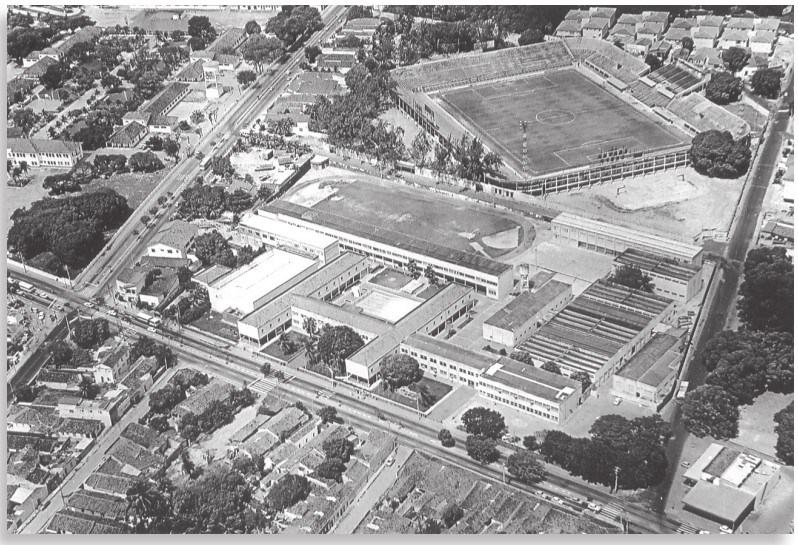


Foto 8 - Vista aérea, mais recente, onde se localizava o Hipódromo e campo do Prado. (Arquivo Nirez).

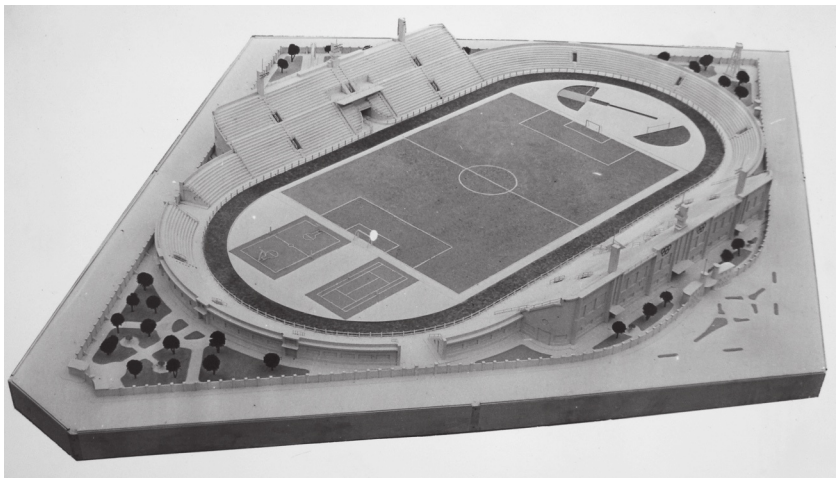
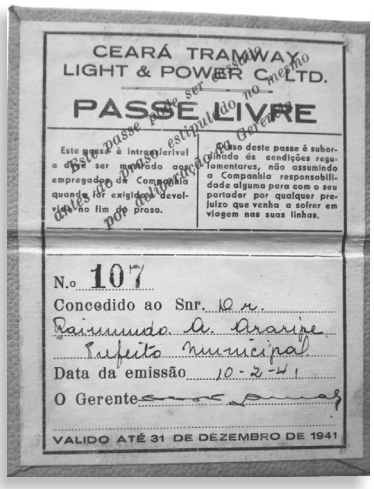


Foto 9 - Maquete do projeto de construção do estádio Presidente Vargas na gestão do Prefeito Raimundo Alencar Araripe. (1936 - 1945). (Arquivo do autor).

Foto 10 - Detalhe do estádio Presidente Vargas. Arquibancada de cimento armado, lugar especial, vendo-se ao alto à esquerda, cabine da imprensa. (Arquivo Nirez).

Nessa época, os bondes do *Prado* tinham seu final de linha na esquina da rua 13 de Maio com Marechal Deodoro. Em maio de 1947 o serviço de bondes elétricos foi desativado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Quando foi prefeito, (1936-1945), Raimundo de Alencar Araripe possuía um passe para andar gratuitamente nos bondes. (foto 11).


CEARÁ TRAMWAY LIGHT & POWER CO. LTD.

PASSE LIVRE

Este passe é intransferivel e deve ser mandado acompanhar pelo empregado da Companhia quando for exigido e devolvido no fim do praso.

O uso deste passe é subordinado ás condições regulamentares, não assumindo a Companhia responsabilidade alguma para com o seu portador por qualquer prejuizo que venha a sofrer em viagem nas suas linhas.

N.o 107

Concedido ao Snr. 10 n.

Raimundo A. Araripe

Prefeito Municipal

Data da emissão 10-2-41

O Gerente

VALIDO ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1941

Foto 11 - "Passe Livre" para o prefeito municipal de Fortaleza usar os bondes da Light. (Arquivo do autor).

Após a extinção do SENTA, abarracavam temporariamente naquele lugar os *circos* que vinham a Fortaleza apresentar seus espetáculos. Lembramo-nos de dois deles o **Nerino** e o **Garcia**. O primeiro apresentava o trabalho de palhaços, demonstrava espetáculos de acrobacia e peças de teatro; dentre essas haviam duas de muito gosto dos espectadores: *Sempre no meu coração*. *A cabana do pai Tomás.* A participação do palhaço Piculino era muito apreciada. Um amigo nosso, residente na Travessa Sobral, foi apelidado com esse nome, o que muito lhe desagradava. O segundo, o Garcia, era muito maior e mais rico, pois apresentava além do

peculiar, muitos animais selvagens domesticados, tais como leões, elefantes, zebras e outros. Posteriormente foram construídos naquele local estabelecimentos educacionais profissionalizantes do governo federal, sendo o último o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). O *Prado* praticamente havia desaparecido.

Empresário empreendedor, como já foi dito, o coronel Gentil vislumbrou no mercado imobiliário (década de 1930) uma boa oportunidade de aplicar parte de sua fortuna. Fortaleza era uma cidade relativamente pequena, crescendo, porém pobre. O trabalho assalariado pequeno preponderava na maioria da população, constituída por funcionários públicos, comerciários, e outras atividades de pequena ou média renda. O poder aquisitivo de grande parte dela considerava a posse de uma casa própria como um desejo difícil de ser realizado. Não havia crédito fácil, apesar dos juros serem relativamente baixos. As pessoas consideradas ricas ou de posses possuíam suas residências e imobilizavam parte de seu capital em casas para alugar.

A Imobiliária José Gentil S/A surgiu nessa conjuntura. Na Vila Gentil a maioria das residências era padronizada variando de tamanho e acabamento conforme o preço do aluguel, apresentando os seguintes tipos: as conjugadas, as livres de um dos lados, e aquelas fora do padrão das demais. As primeiras foram construídas a partir de 1931, exatamente na avenida Visconde de Cauipe na primeira metade do primeiro quarteirão, situadas entre as ruas Adolfo Herbster e Padre Francisco Pinto. Eram conjugadas com um recuo de bom tamanho onde foram plantados *ficus-benjamim* para fazer sombra, pois eram do lado do sol. Eram simples e não tinham forros, mas possuiam o teto muito alto, dentro dos padrões de outras mais antigas localizadas na mesma avenida próximo ao Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, onde atualmente funciona a Faculdade de Economia da UFC. Numa delas morou nosso amigo José Silvio de Oliveira Freitas, colega no Ginásio 7 de Setembro, com seu irmão Pedro, filhos do Sr. Altino de Freitas, proprietário de uma bomba de gasolina localizada na Praça Clovis Beviláqua, e na última, esquina com a rua Adolfo Herbster, residiu o advogado Lauro Vale. Na frente delas terminava a linha do bonde e ficava o ponto final dos ônibus do Benfica, pertencentes à empresa São José, passando depois para a empresa Severino. (foto 12). As demais não eram uniformes e ficavam em frente ao *Dispensário dos Pobres* e o convento das *Irmãs de Caridade.* O *Cine Benfica* ficava no meio desse quarteirão.

Foto 12 - Ônibus da Empresa Severino que servia à Gentilândia -1945 (Arquivo Nirez).

Descrever o localização das casas com os nomes dos moradores é uma tarefa muito difícil, ou quase impossível. Foram dezenas de famílias que por ali passaram em um quarto de século. Uns mudaram de local na mesma vila, outros demoraram pouco, sendo ocupadas durante certo tempo por vários inquilinos. Vamos tentar dar informações gerais sobre esse fato sem descaracterizar o todo. As omissões ficam justificadas.

Aquelas construídas na Travessa Sobral, localizadas no outro lado dessa quadra eram, também, casas simples, menores que as citadas. Entre os dois conjuntos existia um terreno estreito, arborizado, onde existiam longas fossas para serventia delas. Lembro-me que morava ali a família de um cidadão que trabalhava de vigia e complementava seu salário vendendo carvão para a vizinhança. Moramos em frente a esse terreno na rua Padre Francisco Pinto, nº. 382, esquina com a Vila Santana, que falaremos mais adiante. O sistema de esgotos da Gentilândia nunca deu problemas ao longo de décadas, e se distribuía em vários locais da vila.

Na citada *Travessa* existiam casas mais simples no lado do poente, confrontando com estas, no outro lado da rua, as casas estavam fora dos padrões destas; possuíam um pequeno recuo, eram um pouco maiores e mais bem acabadas. Lembro-me que moraram ali, no lado do poente, um colega da Escola Padre Anchieta, chamado José Barrocas; outro o "Quim", devia se chamar Joaquim, seguiu a carreira militar, na Aeronáutica, seu irmão Luiz, foi Agente Fiscal do Imposto de Consumo, seu

pai era pequeno negociante no Mercado Central. No outro lado da rua o Sr. Aneuso Gurgel da Silva Rossas, sócio da Livraria Gurgel, e seus filhos Neuisa, Luciano, Hamilton, Neide, Rutênio e outras moças, que não me vem a lembrança; ele era irmão do Sr. Zenith Gurgel da Silva Rossas, casado com D. Betina, neta do coronel Gentil, que morava na Rua Nossa Senhora dos Remédios. O Fausto Pontes, irmão do Augusto Pontes, ex-Secretário da Cultura do Estado do Ceará. Muitos ali residiram de passagem; dentre outros o Sr. Marcelo Benevides.

Na rua 13 de Maio (depois avenida) correspondente a Vila Gentil existiam apenas três quarteirões pertencentes a Imobiliária. No primeiro, ocupando meia quadra, existia a mansão da família Gentil, no segundo quarteirão, apenas uma, localizada na esquina da r ua Nossa Senhora dos Remédios, onde morava o subtenente Tobias, pai do Mauricio, que seguiu a carreira militar chegando a coronel do exército, e mais duas irmãs. O terreno que lhe seguia era todo murado, correspondendo a um quarto da respectiva quadra, não possuía construções, apenas muitas mangueiras onde foram guardadas capotas dos bondes desativados. Vem-me a memória uma frondosa mangueira de mangas *coité,* assim chamadas por serem muito grandes, existente naquele terreno, localizado na esquina da rua Rodolfo Teófilo. Alguns meninos da Gentilândia brincavam de pega-pega sobre elas. Esse lugar era vigiado por uma família humilde, recém- chegada do interior. Na quadra seguinte, existia um mangueiral, onde atualmente é o Parquinho da Gentilândia, ou Praça José Gentil, onde jogávamos futebol.

Naquela época o Antônio Gumercindo, famoso torcedor do time do Fortaleza, era um dos poucos "dono da bola" pois não era um objeto comum. A dele era grande e de borracha, aquelas de couro eram luxo. As "bolas de meia" eram as mais comuns para se jogar "gol a gol". As duas casas seguintes, no outro quarteirão, foram demolidas com o alargamento da rua 13 de Maio e faziam parte da Vila Santo Antônio. Habitaram nelas, por algum tempo, o Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos, meu confrade no Instituto do Ceará e professor da Universidade Estadual do Ceará, e o Renan Montenegro, atualmente conceituado médico endocrinologista, nosso contemporâneo no Ginásio Sete de Setembro. Seguia-se o bar *Ponto Chic,* muito famoso naquela época, onde findava a linha do bonde do Prado.

O lado fronteiro a esse que descrevi não pertencia a *Vila Gentil,* mas era historicamente uma parte dela porque seus moradores se inter-

relacionavam. Na esquina da rua 13 de Maio com a avenida Visconde de Cauipe, encontrava-se a mansão do Sr. Francisco Queiroz, em estilo europeu, atualmente é o Centro de Cultura Germânica da UFC, em seguida vinha um sobrado onde residia o comerciante Francisco de Oliveira, casado com D. Maria Mendonça de Oliveira e filhos. A Marta de Oliveira Sampaio, sua filha, era casada com o Fernando Sales Sampaio (Fernandão), assim chamado pelos amigos devido sua estatura elevada. O Fernando teve morte prematura em um acidente, e quando solteiro, morava na rua Rodolfo Teófilo. No sobrado que lhe seguia morava o médico oftalmologista Honório Correia Pinto. Após um terreno grande, murado, encontrávamos a sobrado de residência de outro médico, o professor Joaquim Alencar, e logo após, encontrava-se uma sequência de casas conjugadas duas a duas que iam até a esquina da Rua Rodolfo Teófilo. Na primeira delas morou meu colega de Escola Padre Anchieta e amigo, Luís Carlos Riquet Nogueira Aragão com sua mãe D. Corina (viúva) e três irmãs. Duas delas foram morar nos Estados Unidos. Seguiam-se outras onde residiam diversos membros da família Albuquerque de Souza, dentre as quais me lembro a de D. Souzinha, mãe do *Deim*, irmã de D. Naninha, residente com suas filhas na Vila Santana, eram irmãs do desembargador Faustino de Albuquerque de Souza, ex-governador do Estado do Ceará; Wildson Monte Silva, contador, cunhado do Chico Periquito, assim chamado pelos amigos por falar muito; e D. Dodô, casada com o Sr Filipe, italiano. O Haroldo, filho deles, deu muito trabalho aos pais com diabruras, foi servir na Marinha. Seguia-se um terreno, depois ocupado pelas casas do advogado e professor do curso de jornalismo da UFC Luiz Queiroz Campos e aquela que pertenceu ao Artemilton Braga Arraes; antes moradores na Rua São José do Tauape, esse último residiu depois na rua Padre Francisco Pinto; seguindo-se residências já existentes, do Dr. Raimundo Araújo França, dentista, aquela do médico Dr. Pamplona, e mais outras.

A *rua Paulino Nogueira* (vide mapa) não possuía muitas casas, mas confluíam para ela três vilas interiores, ditas particulares, denominadas *Vila Santa Rita, Vila Santa Cecília e Vila Santa Luzia.* No lado correspondente, onde atualmente encontram-se os blocos administrativos da UFC, existiam quatro frondosas mangueiras, junto ao meio fio, que eram usadas pelos namorados mais afoitos. Vizinho morava o Sr. Adolfo Gonçalves Siqueira, já idoso, casado com D. Amélia, foi ex-presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, ex-prefeito interino de Fortaleza e

presidente da Fênix Caixeiral por muitos anos; instituição essa considerada a de mais utilidade pública em Fortaleza. Essa casa fazia esquina com a entrada da Vila Santa Cecília. Na outra que lhe ficava fronteira, definindo a entrada dessa vila, morava o Dr. José Freire, agrônomo, que foi Inspetor Chefe da Defesa Sanitária Vegetal, no Ceará, casado com D. Consuelo Carvalho Freire, tinham oito filhos: José Geraldo, fiscal da Secretaria da Fazenda, Teodósio Mauro, comerciante, Maria Celina, funcionária pública, Maria Consuelo, professora do Parque das Crianças, casou-se com José Batista de Campos Paiva, funcionário dos correios, Maurício, funcionário da Defesa Animal, Maria Nilda (Anita) Freire Gomes, casou-se com o Gen. Valdir Gomes, Armado Máximo, comerciante, casado com Evangélica Barata Freire, Maria Helena Freire Arruda, casou-se com Eliano Arruda, advogado. Na casa vizinha, esquina com a rua Nossa Senhora dos Remédios, com frente para essa rua, morava o engenheiro da Prefeitura Nelson Machado, casado com D. Gabriela Fiúza Machado e seus filhos: Isnélio, Wanda, Nelson (Nelsinho), casou-se com a professora da UFC Maria Cecília Chaves, Helena, casou-se com o coronel do exercito Ney Borba, e Diana.

O quarteirão seguinte não possuía casas, apenas os muros laterais de residências de esquina que tinham frente para as ruas Nossa Senhora dos Remédios e Rodolfo Teófilo, respectivamente. Logo em seguida existia uma quadra, muito arborizada com mangueiras. Em sua primeira metade, funcionava o Serviço de Piscicultura da Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS) posteriormente chamadas DNOCS, depois de 1945. A segunda metade era ocupada pelo *PARQUE DA GENTILÂNDIA* (foto 13) já referido, um dos locais mais característicos da Gentilândia, com alamedas calçadas com piso de cerâmica vermelha, localizado entre as ruas Rodolfo Teófilo, Padre Francisco Pinto e São José do Tauape. Na área da Piscicultura anteriormente encontrava-se um prédio muito bonito, onde funcionou o *Gentilândia Club,* (foto 14), logo após a criação da Vila Gentil, havendo ali festas muito concorridas, reunindo pessoas vindas de outros locais. Afirmava-se que ali havia jogo de baralho; o clube deixou de funcionar quando foi ocupado como sede do serviço de piscicultura. Existiam, naquele local, muitos tanques de alvenaria cheios de água onde eram criados alevinos e peixes para estudos e distribuição para açudes. Existiam dois poços profundos, com respectivas caixas d'água, para uso da piscicultura e das casas que lhe ficavam adjacente na rua São José do Tauape, sendo uma delas localizada num pequeno local do lado de

fora. Todo dia vinha um servidor da Gentilândia ligar um motor para encher a caixa. Esta quadra encontra-se totalmente ocupada por casas de aspecto variado e um prédio pertencente à UFC, funcionando como residência universitária.

Foto 13 - Parque da Gentilândia, vendo-se ao fundo casas da rua São José do Tauape. Na foto (1961) estão da esquerda para a direita: Ruth, Ângela, Valéria, Maria de Lourdes, Simone. Maria de Lourdes ainda viva, lúcida, com 96 anos, morando na Vila Santo Antônio. (Arquivo do autor).

Foto 14 - *Gentilândia Club*, posteriormente sede da Piscicultura do IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas) e depois, DNOCS. (Arquivo Nirez).

No último, localizavam-se cinco casas. Na esquina com a São José do Tauape, residia o Sr José Gondim, pelo que me lembro, era viajante comercial, casado com D. Cristina Sales e seus filhos: Glice, casou-se com o professor Heródoto, Gelsa, casada com Joahannes Maehlmann (Rani), exportador, a Nelma, a Lúcia, casou-se com um sueco (?), e o Telmo. Posteriormente mudaram-se para a rua São José do Tauape no primeiro quarteirão. A casa que lhe seguia, fora dos padrões de outras da Vila, habitou o médico Hyder Correia Lima, casado com D. Sara, e seus filhos Iaci, Mário, médico destacado no Rio de Janeiro e a Emília Correia Lima (foi Miss Brasil), casou-se com um oficial da Aeronáutica. Depois foram morar na rua Carapinima, por trás da Igreja dos Remédios. Nesta mesma casa, morou um filho de um advogado chamado Renato, que me vem à memória, pois era o "dono da bola" de couro com a qual jogávamos futebol. Posteriormente o desembargador Zacarias Amaral Vieira, casado com D. Elza Amaral Vieira. Conhecemos dois de seus filhos: Francisco José Amaral Vieira, professor da UFC e o Roberto Amaral Vieira que foi Ministro da Ciência e Tecnologia, por algum tempo. A casa seguinte pertencia ao Dr. Roberto Bezerra de Menezes, casado com D. Eduarlinda. Vizinho encontrava-se três garagens que eram alugadas. Logo em seguida foi construído um sobrado por D. Amélia Gentil de Aguiar Figueiredo, neta do Sr. José Gentil, casada com o Sr. Alceu Figueiredo. Dona Amélia negociava com jóias de Juazeiro, e depois que se mudou da Gentilândia abriu uma joalheria na rua Barão do Rio Branco. Eram filhos do casal: o Edson, o Dirceu, Alceu Carlos, chamado por nós, carinhosamente, de Brocoió, e a Alcélia (Nena).

Finalmente encontramos no final desse quarteirão a casa do Sr. Renato Batista Carneiro casado com D. Maria Luiza Carneiro e tiveram onze filhos: João Batista, Eduardo, Osmar, Aldemar, José, Renato Filho, Maria Luiza, Maria de Lourdes, Mercedes, Iolanda e Fernando. Seu Renato era muito conhecido na Gentilândia, foi o primeiro motorista do coronel. Gentil e depois, como funcionário da Imobiliária, era o cobrador dos alugueis das casas. Era mais um serviço especial para os moradores que não precisavam se deslocar para o Banco. Sua casa era bem ampla, alta e antiga, com um quintal bem grande. Ficava na esquina, bem em frente ao portão de entrada de carros para o Estádio Presidente Vargas.

Nos quarteirões em frente a estes, na mesma rua, começando na avenida Visconde de Cauipe, havia o muro lateral da segunda casa daquela avenida construída por José Gentil para seus filhos. Nela morou

seu neto Nestor Gentil, depois o Sr. José Albuquerque Monteiro, "Seu Pepino", como era conhecido, que posteriormente mudou-se para a Rua Marechal Deodoro. Entre essa casa, de luxo, e a que lhe seguia, na esquina com a *Vila Santa Rita*, morava D. Francisca da Frota Gentil (Dona Chiquita) a filha solteira do Coronel Gentil. Sua casa era ampla, em um terreno de profundidade, mas sem luxo. Era uma pessoa muito simples, caridosa, e ajudava muito a Igreja dos Remédios. Presenteava, também, os padres com petiscos. Na referida esquina da Vila Santa Rita o Sr. Amélio João Terceiro Fiório, caminhoneiro e depois funcionário da Prefeitura Municipal de Fortaleza, casado com D. Luzanira Cabral de Araújo Fiório, irmã do conhecido radialista e ex-prefeito de Fortaleza Paulo Cabral de Araújo. No outro lado residia o Sr. Raul Memória, telegrafista dos Correios e Telégrafos (DCT), casado com D. Ester Maravalho e três filhos: Raimundo, postalista do DCT, José Afrânio Memória, médico oftalmologista, nosso colega do Liceu do Ceará, e um seu irmão, bem mais novo. Vizinho morava o Sr. José Domingos; o José Domingos (filho), casou-se com a teatróloga Glice Sales, e sua irmã Mirsa casou-se com um membro da família Mesquita. Essa casa fazia esquina com a *Vila Santa Luzia.* Fronteiro a ela, esquina com a *rua Nossa Senhora dos Remédios*, morava o advogado Francisco Vale. Filho do citado Lauro Vale. No quarteirão seguinte havia as laterais de duas casas. Após elas estava o atual Parque da Gentilândia (Praça José Gentil); era uma quadra sombreada com muitas mangueiras, onde a meninada e adolescentes do bairro jogavam futebol. Na esquina do parque, com a rua São José do Tauape, morou um cidadão da família Teles Campos, por algum tempo, e depois o Dr. Agamenon Frota Leitão; vizinho a essa casa residiu o Sr. Virgílio Alves Barata, depois residente na Vila Santa Rita. Era avô da Evangelina Barata Freire, e do Virgílio Alves Barata Neto, nosso grande amigo de adolescência. Seguia-se o outro parque arborizado, atualmente conhecido como *Parque da Feira da Gentilândia*, mas seu nome oficial é Isaac Amaral conforme a Lei 1422/05/10/1959, publicada na gestão do Prefeito Manuel Cordeiro Neto. Secretário Raimundo Girão.

Das três vilas sem saída da rua Paulino Nogueira, A*Vila Santa Rita* era a mais larga e tinha uma mangueira frondosa no centro da rua. Possuía 10 casas conjugadas, cinco de cada lado, com um recuo de um metro, murado. O local não dava acesso a automóveis. Dos moradores daquela época conhecemos D. Briolândia Carapeba de Carvalho (Dona Sinhazinha) e seus filhos Nilo, Aurélio, Guiomar, Iracema e D. Maria Alfa

de Carvalho (D. Mocinha), vivente com 97 anos, casada com o Sr José Mario Machado, mãe do José Mário Machado e do Luciano Machado, moradora na rua Padre Francisco Pinto. Luiz Vieira, casado com D. Zeneida Aguiar Vieira, pais de Maria do Socorro Aguiar Vieira, professora, Tereza Aguiar Vieira e José Haroldo Aguiar Vieira. Virgílio Alves Barata, casado com D. Olívia Rangel Barata. Meu amigo Virgílio Alves Barata Neto morava com eles. José Osório de Castro (Zé Careca), funcionário dos Correios e contador, morador na última casa do lado do sol com seus irmãos: José Humberto, representante comercial, Pedro, comerciário, Vicente, bancário, Lourdes e a *Nice*, conhecida pintora, casou-se com o pintor, muito conhecido no meio artístico de Fortaleza, *Estrigas.* A mãe deles, viúva, exímia boleira, fazia bolos que eram vendidos por dois vendedores ambulantes, figuras típicas daquela época. (Ver foto).

A pequena *Vila Santa Luzia* era constituída por cinco casas com as mesmas características daquelas da Vila Santa Rita. Moradores: "Seu" Carneiro, casado com D. Filó e seu filho Manuelito; o José Batista Campos Paiva, funcionário dos Correios e comerciante, casado com a professora Consuelo, uma das filhas do Dr. José Freire, já citado. O último que me vem a lembrança era meu amigo Renato Abreu de Sales, que morava com sua mãe, por algum tempo fotógrafo do *Foto Esdras* e depois representante comercial.

A *Vila Santa Cecília* era constituída por dez casas, porém não tinham a mesma aparência das duas citadas vilas, entretanto, possuíam em sua frente um espaço de uns dez metros, que podia ser aproveitado para os mais diversos fins. Dentre outros moradores que ali viveram, lembro-me do Sr. Maurício, casado com D. Bela e tinha um filho chamado Leopoldo, eram poloneses. O verdadeiro nome de Seu Maurício era Moisés; por ser judeu, quando chegou ao Brasil, no final de década de 1930, mudou de nome pensando que aqui havia prevenção contra israelitas. Foi meu primeiro contato com a Vila Santa Cecília, pois minha tia, Joana D'Arc de Alencar Benevides, casada com Pedro Jaime Benevides, então funcionário do IFOCS, era vizinha de D. Bela. Eles moraram, anteriormente, por pouco tempo, na rua São José do Tauape. Vizinho a eles D. Maria Frota, viúva, mãe do Sr. Atenor Frota Wanderley, que por sua vez era pai do Eurico, do Maurício, meu colega no Ginásio 7 de Setembro, e do Lavanery Wanderlei, casado com D. Maria de Lourdes, neta do coronel Gentil; é, atualmente, proprietário da casa de ferragens *Normatel*. Em seguida o Sr. Marino Bezerra de Albuquerque e D. Alice

Rangel de Albuquerque e os filhos: Nilo e Ary Jaime Albuquerque, que morou antes na rua Nossa Senhora dos Remédios. Atualmente é empresário proprietário da Indústria Brasileira de Artefatos Plásticos (IBAP), localizada no distrito industrial de Maracanaú. Residiu também ali o Sr. José Leitão, um dos gerentes da Aba Film, o mais credenciado estabelecimento de material fotográfico, e revelação de filmes de Fortaleza. O Sr. Zezito Pereira, funcionário graduado do Banco Frota Gentil e conhecido comerciante de uísque, artigo bem valorizado naquela época, pai do Alexandre. Outros moradores: D. Ruth Rangel Barata, vinda da Rua Nossa Senhora dos Remédios, e um senhor idoso de nacionalidade portuguesa "Seu Caneta" na primeira casa da vila, cujo nome esqueci, relacionado com a família do Sr. Raul Memória, da rua Paulino Nogueira.

Outra rua importante da Gentilândia era a *rua Padre Francisco Pinto*. Começando na avenida Visconde de Cauipe, na esquina, existia a *Farmácia Artur de Carvalho* (fundada pelo farmacêutico Joaquim Arthur de Carvalho) junto a qual residia o farmacêutico do mesmo nome e seus filhos José Artur de Carvalho, casado com D. Carmem Gurgel de Carvalho, que morava na rua São José do Tauape, e seu irmão Francisco Humberto de Carvalho (Betinho), ambos farmacêuticos. Lembro-me que eles manipulavam, nos fundos da residência, as famosas *Gotas Arthur de Carvalho* tradicional remédio para problemas digestivos. Na outra esquina, confrontando com a farmácia, o Sr. Johnanes Maehlmann, já referido, e depois dele o Sr. Heitor Fiúza, este morou antes na Rua Nossa Senhora dos Remédios, essa casa era fundos correspondente com aquela nº. 382 da rua Padre Francisco Pinto, esquina com a *Vila Santana*, onde o autor dessas linhas morou até a década de 1950. Nos fundos da casa da farmácia existia outra, simples, onde morava uma senhora muito idosa chamada D. Filina. Dizia-se que era protegida ou parenta do coronel Gentil. Pegado a casa dela havia um terreno estreito, já referido quando descrevemos casas da avenida Visconde de Cauipe, seguindo-se a ele, continuavam as outras casas desse primeiro quarteirão. Na primeira morava a D. Silvia e suas duas filhas, uma carinhosamente chamávamos Vivi e a outra Leonor, eram mãe e irmãs do General João Valdetaro Amorim Melo, Ministro da Viação e Obras Públicas do governo do general Dutra. Vizinho residia o Sr. Guilherme casado com a D. Rosamélia, funcionários dos Correios e Telégrafos, e seus filhos Alfredo César e Bete. Em seguida, esquina com a Travessa Sobral, o Sr. Lauro Parente Jucá, casado com D. Nilza e filhos, dois dos quais o Launil, meu ex-colega do

Liceu do Ceará, funcionário do Banco da Bahia, em Salvador, e o Luiz Carlos (o Pelado), funcionário do Banco do Brasil. Os pais de D.Nilza moravam na Travessa Sobral a um quarteirão dela. Também lá residiu uma filha do Sr. José Oswaldo de Araújo, nosso confrade no Instituto do Ceará, se não me falha a memória, chamada Mimosa, que tinha uma filha chamada Estrelinha, depois funcionária da UFC, e o Professor Torquato do Liceu do Ceará.

Em frente a esse quarteirão ficava a *Vila Santana*, constituída por cinco casas conjugadas que findava no terreno onde se localizava a mansão do Sr. João Gentil, já descrito. Em frente a elas havia um recuo, como o da Vila Santa Cecília, para uso dos moradores. A casa da esquina tinha frente para rua Padre Francisco Pinto (nº. 382), com três portas grandes e altas na frente, e duas janelas na citada vila; era forrado, assoalhado, três quartos, dois banheiros, onde morava o sargento Antônio Alberto da Silva (1º. tenente na reserva) casado com D. Rita de Alencar Oliveira e seus filhos: Pedro Alberto, Professor da UFC, casou-se com D. Ângela Maria Monteiro Gurgel; Simone, casou-se com Amato Pietro, comerciante italiano, Ruth, professora de letras e funcionária da Secretaria de Educação do Ceará, Daniel Alberto, funcionário administrativo da Teleceará, casou-se com Maria do Socorro Feitosa Lima, professora e funcionária da Secretaria da Educação do Ceará, Valéria, médica. Na primeira casa dessa vila, morava naquela época, da qual estamos nos reportando, o Sr. Cornélio Diógenes, recém casado, servia então no exército já no fim da guerra, irmão do médico pediatra Fernando Diógenes, casado com D. Leda Alcântara Diógenes, era estenógrafa, e seus filhos: Aníbal, Katia e Mônica; na segunda, D. Luizinha Timbó, viúva, e suas filhas, Livramento e Guiomar, esta casou-se com o Dr. José Bastos, agrônomo do DNOCS; na terceira, D. Naninha Albuquerque, irmã do desembargador Faustino Albuquerque, Governador do Estado, e suas filhas Maria Rita e Maria Lúcia; na quarta, que era um pouco recuada, o Sr. Geraldo, casado com D. Lirisse Mota, irmã do capitão Kerenski Tulio Mota que serviu na Escola Preparatória de Fortaleza e seus filhos; na quinta e última, residia, com outros membros da família, o Murilo, comerciante, excelente pintor, e sua irmã Nilde. Na outra esquina da Vila morava o Seu Lulu, era caminhoneiro, casado com D. Menininha e tinham dois filhos: o Luizinho e outro servindo na Marinha. Vizinho a eles existia um pequeno ponto comercial no qual eram vendidas frutas e depois foi um posto de vendas de leite; seguido pelo açougue do Napoleão e seus filhos. De cinco para

seis horas da manhã eles começavam a cortar a carne fazendo barulho para a vizinhança. Os quartos de bois chegavam do matadouro no começo da noite anterior. Pegado ao açougue havia um terreno de muro alto onde eram encontrados três cacimbões com a respectiva caixa que forneciam água para aquele setor da Gentilândia.

Em seguida, havia outro terreno que dava entrada para a *Vila Santa Cecília*, local onde moravam D. Alzira, lavadeira, e seus filhos. Um deles era o João, rapaz calmo e educado. Uma sua irmã era casada com o *Juju*, conhecido goleiro do Fortaleza, e secretário do Ginásio 7 de Setembro. As seis casas que lhe seguiam eram recuadas, soltas, e possuíam bom acabamento: forradas, assoalhadas, dois banheiros e eram cobertas de telhas de Marselha. Lembro-me que nelas moraram: o Sr. Moreira, pequeno comerciante de joias no Mercado Central, com a esposa e seus filhos Hebe, Ilo, Valdeglace e o Dedé que tinha a síndrome de Down mas gostava de assistir novelas no rádio; em outra, D. Idelzuíte Pinto e seus filhos: Roberto e Tereza; em seguida, uma senhora idosa, holandesa, que criava pombos; nessa mesma casa morou D. Nenen Braga Araes, e seus filhos; depois o Sr José Domingos Sousa e esposa D. Nelda (filha de ingleses) pais do José Domingos, Thereza, professora, e Tusnelda, casou-se com o José Mário Carvalho Machado, cujos pais moravam na mesma rua; Pedro Nobrega, gerente da sapataria Clark, casado com D. Anunciada, e seus filhos Nelson (Nelsinho), Nanci e Pedro. O Sr. Pedro Nóbrega posteriormente foi morar na Rua Nossa Senhora dos Remédios; foi proprietário da fábrica e lojas de móveis *Delta.* O Nelson (Nelsinho) e a Nanci protagonizaram uma bonita história de amor. Casaram-se muito jovens, quase adolescentes, com alguma restrição do pai; Nelson casou com a Noélia, também muito jovem, moradora na Rua Nossa Senhora dos Remédios; a Nancy casou com o Francisco (Chico) Borges, mais adulto, morador na rua Rodolfo Teófilo.

Logo depois, na esquina da rua Nossa Senhora dos Remédios, morava o Sr. Odar Viana, radioamador,representante comercial, casado com D. Júlia Gomes e seus filhos; Odália, Francisco (Chico), o "Gomezinho", e outros mais novos. As "irmãs Viana", filhas do Odar Viana, são proprietárias de conhecido "bufê" de Fortaleza. Fundos correspondente, separado por uma garagem, esquina com a rua Rodolfo Teófilo, o Sr. Sylos Montezuma de Carvalho, também radioamador, contador do Banco Frota Gentil, casado com D. Alice Gentil de Aguiar, neta do coronel Gentil e seus filhos: Newton, Norma e Sylos, conhecido médico

em Fortaleza. "Seu" Montezuma foi inesquecível para os moradores mais próximos, pelos filmes americanos que exibia na rua, em frente ao *Parque da Gentilândia*. O movimento de veículos era mínimo ali. É importante lembrar que, antes dele, habitou na mesma casa, um casal de alemães, muito reservado, o Sr. Holfmann e sua esposa D. Carlota. Eles sofreram vexames, logo quando o Brasil entrou na 2ª. Guerra e os alemães aqui residentes foram hostilizados por alguns exaltados.

Após o *Parque da Gentilândia*, pelo lado nascente, ficava a bodega do "Seu" Jóca, por sinal uma mercearia bem sortida. Junto a ela morava em uma casa pequenina, o Sr. Peixoto com uma filha chamada Lindalva, parece que era viúvo. Possuía uma referência muito destacada naquela época: não era católico, e era maçom. Vizinho a ele D. Suzana, viúva do tenente Roma, da Aeronáutica, falecido em um desastre de avião, e dois filhos. Era uma casa bem destacada das demais. Foi construída em terreno elevado, solta dos dois lados, e possuía um quintal muito longo. Em seguida morava a família do "Seu" Jóca (João Furtado) com seus filhos José Furtado, Carmecita (farmacêutica), Terezinha, Lúcia e Cleide. Morou também ali o Amarílio Furtado, meu colega da Faculdade Católica dos Maristas. No mesmo quarteirão o Sr. Odilon Lima Menezes e seus filhos: Fabiano, Odilon e Eraldo; o Sr. João Batista Evangelista, casado com D. Neuza Pessoa de Carvalho e filhos: Tita, Maria de Lourdes, e dois rapazes, um foi aviador e morreu muito moço. Finalmente, na casa esquina com a Rua Marechal Deodoro, residia o Padre Lauro França (Padre Rosa) com uma irmã solteira que cantava no coro da Igreja dos Remédios. Na outra esquina existia uma "casa de recursos" onde morava D. Lina, com o filho Messias.

Voltando a Travessa Sobral, na esquina com Padre Francisco Pinto, morava D. Nana, com os filhos Dario Soares, Agrônomo,Professor do Liceu do Ceará, e da Faculdade (escola) de Agronomia da UFC, Dayse, funcionária do DNOCS e professora, Doraci, funcionária pública, e o Olidon Soares, parente de D. Nãna, que morava com eles. O Professor Dario casou-se com D. Albaniza, filha do Sr. José Albuquerque Monteiro "Seu Pepino", e veio morar vizinho a sua mãe. Antes dele residiu Dr. José Pinto Cavalcante, ex- diretor dos Correios e Telégrafos, onde fez funcionar uma Agência dos Correios e foi também residência do Sr. Edgard Sá que morou depois na rua 13 de Maio. Entre essa casa e a seguinte, existia um pequeno quartinho onde trabalhou o Gordinho, sapateiro, e depois o Pipiu, afamado jogador de futebol. Logo após localizava-se a Administração da Gentilândia, residência do Sr. José Vitorino de Mene-

zes e junto a ela o ponto de apoio dos serviços de conservação da Vila Gentil. Nas casas que lhe seguiam, lembro-me a do Sr. Pery da Rocha Moreira, funcionário da Prefeitura Municipal de Fortaleza, casado com D. Eugênia, pai do Péricles, foi para o Sul, do Babi, comerciante, da Eunice (Moreninha) e um irmão mais novo: o Periguari; também naquele quarteirão, morava o Sr. Vitor Barros e D. Maria José, funcionária do Banco Frota Gentil, pais do conhecido jornalista e amigo da Gentilândia, Tom Barros. Logo após residiu o Dr. Pinheiro (Dr. Magnésia), médico do DNOCS, e sua esposa: não tiveram filhos. Na esquina com a rua Rodolfo Teófilo residiram três netos de Rodolfo Teófilo; o de nome João (o coronel) dizia-se que se excedia com mulheres, segundo afirma o historiador Francisco Andrade Barroso.

Logo depois, em frente ao *Parque da Gentilândia*, existiam quatro casas, residiram nelas: na esquina, Seu Maneco pai do Isauro, que trabalhou muitos anos na Casa Parente; em outra, o Dr. Rui Simões de Menezes, chefe do Serviço de Piscicultura do IFOCS, logo depois que se casou; nas demais, membros da família do Sr. Valdísio Gurgel da Silva Rossas. Trabalhou com seu irmão, Obsmar, na tradicional Livraria Gurgel, de livros usados (sebo), e depois abriu outra, de sua propriedade vizinho a Prefeitura. Na esquina com a rua São José do Tauape, Valdísio morou, quando se casou com D. Diva Laranjeira, postalista dos Correios e depois advogada; nessa mesma casa, também, seu primo Plácido Gurgel Nogueira, Inspetor do Departamento dos Correios e Telégrafos (DCT), quando se casou com uma filha do Sr. Públio Lopes Correia Pinto (alfaiate) e de sua esposa D. Mary Socorro Correia Pinto, em casa na rua seguinte, Nossa Senhora de Lourdes. Seu Públio era pessoa muito querida no bairro e pai do médico e professor Públio Lopes Filho, que faleceu muito moço.

Na esquina transversal havia a bodega do "Seu Pergentino", casado com D. Mimosa, e o Bastor, seu filho. Essa bodega era inferior à mercearia do "Seu Jóca", vendia cachaça e fazia "Jogo do Bicho"; logo depois estava o Bar do Luiz, ajudado por sua esposa, sempre bem frequentado pelos rapazes da redondeza. Logo após esse bar morava o Sr. José Eduardo Oliveira, casado com D. Maria José (Zefinha) Pessoa de Araújo e seus filhos: Tarcísio, professor, Júlia, Elvira, Helena e Maria de Fátima Pessoa de Oliveira, atualmente, Professora Doutora do Curso de Ciências da Informação da UFC. Em seguida, o Sr. João Alencar Melo, casado com D. Carmélia Eduardo de Oliveira, já na esquina com a rua

Júlio César. Do lado oposto o Sr Edgar Reis, casado com D. Noeme Alencar e os filhos: Marineide, Sergio, Elder e Elber, e mais adiante os irmãos Tobias Rotávio Feitosa, secretário da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará (UFC), o Jeremias e uma irmã.

Na rua Marechal Deodoro as casas não pertenciam a Imobiliária Frota Gentil mas eram consideradas no bairro da Gentilândia. Vizinho ao "Padre Rosa", citado, o subtenente Neves, não me lembro o nome de sua esposa, mas estudamos algum tempo com dois de seus filhos: o Horário e a Marfisa na Escola Padre Anchieta da professora Maria Stela Viana. No quarteirão entre as ruas Padre Francisco Pinto e Adolfo Herbster foram construídas algumas casas mais simples e existia um terreno com algumas árvores.

Em grande parte da *rua São José do Tauape* só existiam casas no lado sol (sul) e possuía três grandes quarteirões. Eram conjugadas, padronizadas,e muito bem construídas, como a maioria da Gentilândia. No primeiro quarteirão, correspondente a *rua Santo Antônio*, inclusive, as edificações eram também padronizadas, em número de vinte e uma de cada lado, com uma área de 6,30m de frente com 15,30m de fundos. Eram forradas, assoalhadas nos dois quartos e com mosaicos nas demais dependências. Possuíam um recuo de um metro na frente, que servia como um pequeno jardim. As duas casas localizadas na rua 13 de Maio, que eram maiores, foram demolidas para o alargamento dessa via, que mudou a denominação para avenida. Esses quarteirões ficavam em frente às duas grandes praças que atualmente ainda existem. (Ver mapa anexo).

Foto 15 - Casa da rua São José do Tauape. (Arquivo do autor).

Nesse primeiro quarteirão da rua São José do Tauape, esquina com a rua 13 de Maio, residiu meu confrade no Instituto do Ceará, Professor da Universidade Estadual do Ceará, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos, com sua mãe, avó e sua irmã Luzia. Seguiam-se a residência dos irmãos Célio Alan Cunha Moreira de Menezes, nosso ex-colega do CPOR, funcionário público; Alan Ladd, seu irmão, era dedicado aluno de violino, e Amélia, não me lembro do nome dos pais deles, eram educados sem muito contato com os colegas de quarteirão. Outros moradores foram o Sr. Alberto, casado com D. Zilce, funcionária dos Correios e Telégrafos (DCT); o Sr. José Gondim, casado com D. Cristina Sales e os filhos: Glícia, casou-se com um sargento da Aeronáutica chamado Heródoto que era professor de História, Gelsa, casou-se com o *Rany* (Johannes Maehlmann), exportador, Nelma, Lúcia, casou-se com um sueco, e Telmo; anteriormente eles moraram na mesma rua, esquina com a rua Paulino Nogueira; vizinho morava o casal Dr. Lauro Rodrigues, advogado, casado com a Dra. Olivia Xavier Sampaio Rodrigues, funcionários dos Correios e Telégrafos, eram pais adotivos do Dr. Dorian Sampaio, dentista, conhecido jornalista e político cearense; vizinho a eles o Sr. Edgar de Almeida Barros, sargento da marinha, (capitão na reserva), casado com D. Angelina Bayo de Barros e seus filhos: José Elislande Bayo de Barros, Brigadeiro da Aeronáutica, comandou a Base Aérea de Jatos, em Anápoles, Edgar Manoel Elisilande Bayo de Barros, afastou-se como capitão do Exército, e como engenheiro eletricista ingressou na CHESF, Erilande Bayo de Barros, oficial médico do Exército e Elisanda Bayo de Barros, professora; casou-se com o professor Vicente Gomes de Oliveira; em seguida o Sr. João Batista de Morais Madruga e filhos. Não conseguimos mais informações sobre o Sr. Faguara, Garibalde, e Leonor Chaves que alí residiam.

No primeiro, dos dois grandes quarteirões seguintes, no meio da rua, na esquina, havia uma frondosa mangueira jasmim. Até a rua Adolfo Herbster, as casas não possuíam recuo, eram conjugadas e o acabamento era muito simples, como os da Travessa Sobral, porém maiores. A estrutura de alvenaria original das casas da vila Gentil, ainda hoje (2010), está sólida. No primeiro, na casa da esquina, moravam o Sr. José Gondim e D. Cristina, como já foi dito, vizinho, morava o Sr. Joaquim Leão de Oliveira, "alfaiate e poeta" como registrou Francisco de Andrade Barroso em seu livro citado, posteriormente comerciário, trabalhando com um filho, casado com D. Maria Madalena de Alencar Araripe e seus filhos:

José Leão de Alencar Oliveira, contador e representante comercial, casou-se com D. Valdívia Silva Monte; Maria de Lourdes de Alencar Oliveira, casada com Fleury Linhares, funcionário da Prefeitura de Fortaleza, ainda hoje mora na rua Santo Antônio, lúcida, com noventa e seis anos; Rita Alencar Oliveira, casada com Antônio Alberto da Silva, sargento do exército (1º. tenente na reserva), Maria do Carmo Alencar Oliveira (Carmelita), casada com Humberto Pinheiro Fontes, funcionário do Departamento de Economia Agrícola, posteriormente funcionário de Ministério da Agricultura; Antônia de Alencar Oliveira (professora diplomada), casada com Francisco Hindenburg Carneiro Vasconcelos, comerciante, Joana D'Arc, professora diplomada, casada com Pedro Jaime Benevides, funcionário do IFOCS, posteriormente, foi Gerente da Sidnei Ross, em Fortaleza, depois da Pfizer, no Recife, e finalmente comerciante de produtos agropecuários, nessa cidade. Todos moraram na rua São José do Tauape, pouco tempo, com exceção da "Carmelita" que ainda hoje mora ali com noventa e três anos (93), e Maria de Lourdes Oliveira Linhares, com 96, moradora na rua Santo Antônio. Seguiam-se o Sr. Celestino Firmo, funcionário do DNOCS, casado com D. Edite e seus filhos José Maurício, Marineide, José Firmo, Maria de Fátima e o Wilson.Vizinho o Sr. José Rodrigues Loureiro (Seu Zuza) e filhos: Maria Lili Loureiro, trabalhava no comércio, Francisca Loureiro, comerciária, Anita sua sobrinha, Ceomar, casou-se com Francisco de Assis Muratori, em seguida D. Luízinha Sá, e seu filho Francisco (Chico) Sá, bancário; na mesma casa morou por pouco tempo Pedro Jaime Benevides que depois foi para *Vila Santa Cecília;* depois dessa D. Francisquinha Castelo Branco (viúva) e filhos: Péricles Castelo Branco, Ivan, Manuelito, Maria Alice, Iolanda, Lígia; vizinho, Maria Nogueira Freire (Maroquinha), Maria Nogueira, Luiz Nogueira e Osvaldo Nogueira, funcionários da Prefeitura e Osmundo, cobrador de uma ótica; em seguida morou José Leão de Alencar Oliveira, pouco tempo, depois Humberto Pinheiro Fontes, funcionário do Departamento de Economia Agrícola do Ceará, depois funcionário do Ministério da Agricultura e contador, casado com D. Maria do Carmo (Carmelita) de Alencar Oliveira, e filhos: Eduardo Fontes, funcionário do Tribunal de Contas do Ceará, casado com D. Marineide de Alencar Reis, funcionária da Previdência Social, aposentado, foi para o Tribunal de Contas do Município; Ângela Maria, professora e advogada no Piauí, casada com Francisco Leôncio Sales, médico, Roberto Fontes (falecido), Expedita Fontes, (falecida), Ernesto Fontes, funcionário da

Previdência Social, Maria Helena Fontes, psicóloga e assistente social da Previdência Social casada com Jaime Custo Massado, comerciante; Euclides Rezende de Melo, funcionário da ótica Sansão, casado com D. Bembem e seus filhos: Maria Marne, funcionária da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Helio, agrônomo do DNOCS, Fernando, veterinário, José Tarcísio, engenheiro, Fátima, funcionária da Secretaria de Educação do Ceará; Seu Jorge, carteiro do DCT, casado com D. Luiza, tinham uma filha, Maria, paraplégica; Seu Alfredo, funcionário de uma serraria, casado com D. Elita, sem filhos; João Batista Carneiro, carteiro do DCT, casado com D. Cirila, filhos: Wagner Carneiro, coronel dentista do Exército, Zélia, professora e Antônio Carlos, falecido; depois D. Lélia e seu irmão Sebastião; em seguida Francisco Hindenburg Carneiro Vasconcelos, comerciante, casado com D. Antônia de Alencar Oliveira, professora, filhos: Elba, psicóloga, Diva, Hugo, comerciante, Nilo, construtor, Ciro, comerciante, Elmo, comerciante; Iara, Iêda. Antes do Hindenburg moraram no mesmo local três inquilinos; vizinho morava D. Nenen Braga Arrais (viúva do coletor estadual Políbio Arrais), e seus filhos: Artemilton Braga Arrais, Artemísia, farmacêutica, Azemita, professora e Amaí, médica; posteriormente foram morar na rua Padre Francisco Pinto; logo após, o Sr. Raimundo Gurgel Nogueira, casado com D. Hermila, filhos: José Carlos, funcionário do Banco do Brasil, e Carmem casada com farmacêutico José Arthur de Carvalho; vizinho morava Seu Benone, comerciante, casado com Dona "Dijeso", filhos: Bosco, Zélia e outros; Seu Benone era muito conhecido no bairro porque todos os anos queimava um "judas" muito grande e bem feito no sábado da *Aleluia,* em frente a sua casa, *no Parque da Gentilândia*.Na última casa do quarteirão morava D. Leonília (viúva) com seu filho Plácido Gurgel Nogueira, inspetor do DCT.

O quarteirão, entre padre Francisco Pinto e Adolfo Herbster,era bem grande e nele terminava a rua Nossa Senhora de Lourdes. Esquina com ela havia um grande terreno onde existia um sistema de fossas daquela área e um bambuzal. Junto a ele, esquina com a rua Nossa Senhora de Lourdes e rua Rodolfo Teófilo, localizava-se o prédio da **Escola Padre Anchieta** construído para esse fim; ao lado, a rapaziada jogava uma *pelada.* Nela a professora particular Dona Maria Stela Viana ministrava aulas do curso primário. As mensalidades eram módicas. Poucos foram os meninos e meninas da Vila Gentil que não estudaram com ela. A outra opção era o *Grupo Escolar Rodolfo Teófilo,* mais longe, localizado na

avenida Visconde de Cauipe. Católica, foi nossa *catequista*, educada, competente, delicada. Era solteira e para nós um modelo de mestra. Morava com uma irmã, D. Zezé, e um irmão o Godofredo, juntamente com os sobrinhos: José Renato (manga rosa), José Humberto (Betinho) e uma sobrinha a Angelita. José Renato é coronel do Exército. A casa de D. Stela era fundos correspondente com a Escola, e dava frente para a rua Rodolfo Teófilo.

Ao lado do citado terreno, pela rua São José do Tauape, onde existia uma casa fundos correspondente com a da esquina da rua Padre Francisco Pinto, moraram os pais da Desembargadora Auri Moura Costa, e dois irmãos, o Adamor foi um deles, que trabalharam na Secretaria de Policia. Lembro-me que ali morou, também, uma professora de nome Astrogilda.

No quarteirão fronteiro a esse foram moradores: o Sr. Pedro Ferreira Campos, funcionário do DNOCS, e sua esposa, D. Maria Queiroz Campos com os filhos: Luiz Campos, advogado, professor do Curso de Jornalismo da UFC, vice-prefeito de Fortaleza, um dos fundadores do Instituto Brasil Estados Unidos (IBEU) e diretor da Caixa Econômica Federal do Ceará; Luciano Campos, advogado, Auditor Fiscal da Previdência, Luthgard Campos, e sua irmã Lúcia. Em seguida o Seu Dóca, barbeiro, sua esposa D. Alice, e seus filhos: Luciano (Cabeção), Lindete e Lizete. Outro morador foi o Sr. Pedro Sales, representante comercial, casado com D. Iolanda Castelo Branco (filha de D. Fransquinha Castelo Branco), e pais do Airton Castelo Branco Sales, Promotor e Procurador do Estado do Ceará, José Wilson Castelo Branco Sales, funcionário do Banco do Nordeste e de D. Terezinha. Na esquina com a rua Adolfo Herbster, moravam: D. Maria de Lourdes Furtado de Andrade, viúva, e seus filhos João Furtado de Andrade, Sargento Telegrafista do exercito, José Furtado de Andrade, Sargento da Aeronáutica, Francisco Jaques Furtado de Andrade, coronel do exército, engenheiro, professor do Colégio Militar de Fortaleza e da Universidade Estadual do Ceará, Gui Furtado de Andrade, professor e advogado, Luiz, falecido, e Lilí, casada com o comerciante Geraldo Otoch, proprietário da loja Esplanada.

A rua Rodolfo Teófilo, que começava logo após a rua 13 de Maio, tinha quatro quarteirões, dois maiores eram praças e ocupavam duas quadras, os dois seguintes possuíam poucas casas no lado do sol (sul), entre as ruas padre Francisco Pinto e Adolfo Herbster. Na primeira casa antes da 13 de Maio moraram, dentre outros, o Sr. Gumercindo

Gondim, casado com D. Rosa Ramalho Gondim e seus filhos: Antônio Alberto Ramalho Gondim, mais conhecido como Antônio Gumercindo, era torcedor exaltado do time Fortaleza e dono da famosa *Charanga do Gumercindo* que animava os jogos desse time. Morreu tragicamente de colapso cardíaco durante um julgamento no Fórum de Fortaleza. Tinha um irmão de nome Gumercindo e cinco irmãs: Rosa, casada com um português Sr. José Pereira, Roseli, casada com o Sr. Gerardo Araújo, Salete, Anete e Fátima. Outra casa daquele quarteirão era a do Sr. Mário Cavalcante Gomes, irmão mais velho do coronel Mozart Gomes, pai do Moésio Gomes e Mozart Gomes, destacados craques de futebol moradores na rua Adolfo Herbster; era irmão de D. Júlia, esposa do Odar Viana, já referido. Esse pedaço de rua não pertencia a Vila Gentil.

Fronteiro a *Praça da Gentilândia* (atualmente José Gentil), depois do terreno já referido quando tratamos da rua 13 de Maio, moraram várias famílias, dentre as quais a do jornalista Demócrito Rocha; aquela onde morou uma neta do coronel Gentil e vizinho a residência do Capitão do Exército Júlio Rangel Borges (depois general), casado com D. Oder Rangel (eram primos) e seus filhos Napoleão, Júlio, Nelson, Odaísa e Marineuza. Logo depois, na esquina com a rua Paulino Nogueira morava o Sr. Emílio Abudai, dono do Foto Oriente, agiota, casado com D. Faride e os sobrinhos dela Francisco Maia Neto, era o "dono da Bola", e seu irmão José (Zé Mulambo). O senhor Emilio possuía um dos poucos automóveis da Gentilândia.

No segundo quarteirão houve um grande revezamento de inquilinos na época que estamos nos referindo, como ocorria em outros locais do bairro. Dentre outros moradores registramos as famílias do capitão Oscar Jensen Barroso (depois general); o professor Mozart Pinto, solteiro, maçon; a família do Major Elísio Gentil de Aguiar, neto do coronel Gentil; vizinho morou o médico pneumologista Mário de Assis logo após, na mesma casa, a família do Sr. João Sampaio, casado com D. Naída Sales Sampaio e filhos: Fernando, já referido na rua 13 de Maio, Armando, que foi proprietário de uma empresa de ônibus, João Batista, professor da Universidade Federal do Ceará, e uma irmã; em seguida o Sr. Euclides Alves da Costa e Silva, comerciante dos pneus Firestone, casado com D. Carmelita, filhos: Vânia, Vilma, Vera e Eudes, oficial da Aeronáutica; posteriormente na mesma casa residiu o Sr. Manuel Rangel Borges, Agente Fiscal do Imposto de Consumo, casado com D. Alzira e filhos: dentre muitos, lembro-me do Francisco (Chico Borges), casado

com a Nanci, filha de Pedro Nóbrega, já referido; vizinho o Sr. Carlos Costa Lima Gurgel, salvo engano, dentista, casado com D. Maria Germana Gentil; após o Sr. José Sobreira de Amorim, professor universitário, sócio efetivo do Instituto do Ceará, casado com D. Neli e filhos: uma moça chamava-se Hermengarda, o Everardo conhecido radialista. Nessa casa morou o coronel do exército Marcolino Rangel Borges. Na esquina coma Padre Francisco Pinto morou o citado Sr. Montezuma.

O quarteirão seguinte terminava na rua Nossa Senhora de Lourdes e tinha quatro casas. A primeira na esquina com a rua Padre Francisco Pinto, já nos referimos, na seguinte morava o Sr. Ivan Castelo Branco, funcionário da firma J. Lopes, casado com D. Maria Alice Castelo Branco e filhos: Isolda Montenegro Castelo Branco, casada com o professor Diatahy Bezerra de Menezes, Haroldo Castelo Branco, coronel do Exército, craque de futebol, preparador físico da seleção brasileira, José Nilton e Luciano. Vizinho morou o Sr. Aldo Leite, médico, farmacêutico e professor da Faculdade de Medicina da UFC com a esposa e filhos: Aldo Filho, Arizona, professor da UFC e uma irmã Arizonina. Na esquina com a rua Nossa Senhora de Lourdes havia uma mercearia muito sortida do Seu Chico e irmão, depois propriedade do Sr. João Quariguasi da Frota, vereador e depois deputado. Após, encontrava-se um terreno descampado recuado da rua, onde existiam algumas casas, em uma das quais morava Seu Ferreirinha e sua esposa D. Aline, pais do Jurandir, companheiro de *pelada.* O destaque é que o Jurandir jogava bem apesar de um defeito que tinha em um dos pés. Formou-se em medicina, sendo médico de renome em Fortaleza. Já para o final do quarteirão morou o Sr. Péricles Castelo Branco, casado com D. Stela Machado, funcionária dos Correios e Telégrafos.

A rua Nossa Senhora dos Remédios era uma das principais da Gentilândia constituída por dois quarteirões com construções dos dois lados. No meio dela ainda existe árvores (*Ficus Benjamim*). Eram treze casas do lado do sol, e quatro do lado oposto, padronizadas apresentando boa qualificação de tamanho e acabamento. A metade do primeiro ao lado da sombra (norte) era ocupado pelo muro da mansão do coronel Gentil.Foram inquilinos naquele local em épocas diferentes, o professor Francisco Pereira de Matos, da Escola Preparatória de Fortaleza, casado com D. Helena Guedes de Matos e seus filhos: Paulo, Verônica e Carlos; Dr. Pontes Neto e D. Nádia; Pedro Nóbrega e depois o filho Nelson, vindos da rua Padre Francisco Pinto; José Maria Pinto, com os

irmãos Reinaldo e Carlito; o Sr Heitor Fiuza Pequeno; na esquina com Paulino Nogueira, Francisco Ferreira do Vale, advogado, casado com D. Iracema Mororó; quando estudante, morou com ele, nosso colega do Ginásio 7 de Setembro, Carlos Brunet, depois professor da UFC. Na outra esquina o Sr. Olivar Rangel Barata, casada com D. Ruth Alves Barata, e os filhos Olivar e Obdemar e Evangelina; nesta mesma casa morou o Sr. Valdísio Gurgel, casado com D. Diva Laranjeira, moraram antes na Rua Padre Francisco Pinto; confrontando, Seu Galileu Alencar e família (esteve algum tempo na rua São José do Tauape, na década de 1930); na mesma casa morou depois o Sr. Saraiva, corretor de imóveis, casado com D. Maria de Jesus, professora; quando solteira morou na avenida Visconde de Cauipe com duas irmãs Terezinha e Margot, funcionária da Receita Federal. José de Athayde, comerciante, casado com D. Miriam Amaral e filhos: Bernardo Antônio Amaral de Athayde, Eliane Amaral de Athayde, casada com o professor da UFC, Juarez Braga Soares, Paulo e Célia. Na casa em frente, o Sr. Bernardo Athayde, irmão do José de Athayde, funcionário do Banco do Brasil, casado com D. Maria José e seus filhos: Maria Augusta (Guga), Marília, Marcos (Marcão), Pedro Paulo; depois, na mesma casa, o Sr. Sófocles Albuquerque (irmão do Alaor Albuquerque, residente na mesma rua), casado com D. Miriam, pais da Salete e da Noélia, casada com o citado Nelson Nóbrega; vizinho a ele morou o Sr. Oto casado com D. Sophia com uma filha chamada Liza (eram alemães); vizinho o Dr. Leiria de Andrade e família; logo após o Sr. Jaime Menescal Campos, casado com D. Ester Cavalcante de Sabóia e filhos: Maria Angelita, Eneida Maria, Lastênia Judith, e Luiz Ernani Sabóia Campos, coronel do exército (general na reserva). No final desse quarteirão o Sr. Zenith Gurgel da Silva Rossas, comerciante, casado com D. Betina (Maria Alberto Gentil Costa Souza), neta do coronel Gentil, D. Betina teve quinze filhos. Vizinho a ela morou uma prima Lygia Gentil de Aguiar. Residiram, ainda, nesse mesmo quarteirão, o Sr. Sebastião Alcântara, contador, e esposa, pais do Osvaldo Alcântara, contador, o Sebastião (Cecé), professor da UFC, o Rui, oficial do Exército, a Regina, e um mais novo; em seguida o Professor Tito Miranda, casado com D. Idália e família; Luiz Gualter de Alencar Araripe, médico, e família; Alaor Albuquerque, comerciante, proprietário da Livraria e Papelaria Alaor, casado com D. Suzana, e família; vizinho, Armando Aguiar, casado com D.Samaritana e família. Foi deputado estadual, e o último presidente da Escola Técnica de Comércio Fênix Caixeiral, quando de sua extinção.

Foto 16 - Casa padrão das ruas Nossa Senhora dos Remédios e algumas da Rodolfo Teófilo (Arquivo do autor).

A rua Nossa Senhora de Lourdes foi uma das primeiras a ser construídas na Gentilândia e não tinha calçamento, mas era bem arborizada. A maioria das casas era simples. Pelo lado norte existia um quarteirão muito grande onde se concentrava a maioria delas. No quarteirão oposto havia uma pequena travessa, sem nome (atualmente é Padre Guilherme Waessen), onde existia um pequeno terreno como um recuo e em um lado dele havia três casas muito pequenas: em uma delas moraram dois conhecidos o Jeová e o Josias e seus pais. Nas outras duas residiam operários da Vila Gentil, dentre elas a que morava o Seu Nicolau; chefe deles. Mais na frente, havia mais um terreno recuado com três casas, melhores que as anteriores, em uma delas morava o Sr. Ferreirinha, casado com D. Aline, já referido quando tratamos da rua Rodolfo Teófilo.

No lado norte, dentre outros, moraram: o Sr. José Vitorino Bandeira de Abreu, funcionário do IAPC, casado com D. Maria do Carmo e seus filhos: Célio, funcionário do IAPI, José, funcionário do DETRAN, Carlos (Boneco), funcionário do IAPI, Francisco, agricultor e Tarcísio, professor municipal; Manuel Rodrigues, empregado da Imobiliária José Gentil; o Sr. Genésio Meireles, comerciário, casado com D. Amélia, pais do José Armando Meireles, bancário; Planicka (Zezinho), treinador e juiz de futebol; José Mundola, casado com D. Nenen, foi motorista da família Gentil, logo depois Seu Públio já referido, e as famílias do Sr.

João Batista de Almeida, funcionário dos Correios e telégrafos, casado com D. Amélia e seus filhos: Gildo (Pizoldo) e uma irmã, Gema; depois o Sr. Quariguazi da Frota, que possuiu um mercearia na esquina.

A Vila Santo Antônio tinha fundos correspondente com aquelas casas da Rua São José do Tauape com as mesmas características. Em número de vinte e uma, naquela época, ficava em frente da atual Praça da Feira da Gentilândia. Houve muita rotatividade de seus moradores. Dentre outras, lembramos a família do Tenente Lisboa, maestro da banda de música da Escola de Aprendizes Marinheiros, professor de Canto Orfeônico no Ginásio 7 de Setembro e outros ginásios. Era pai do conhecido radialista e cantor José Lisboa. Atualmente é nome de rua. Familiares do comerciante Galba Borges; o Sr. José de Athayde, antes residente na rua Nossa Senhora dos Remédios, o Sr. Fleury Linhares, funcionário da Prefeitura de Fortaleza e outros.

Foto 17 - Casa padrão da Vila Santo Antônio, nas ruas São José do Taupe e Santo Antônio (Arquivo do autor).

A rua Adolfo Herbster limite da Gentilândia pelo lado sul, possuía cinco quarteirões. O primeiro começando pela avenida Visconde de Cauipe, tinha vinte e duas casas, do mesmo padrão daquelas da *Travessa Sobral*. Existia no meio dele um pequeno bar de propriedade do Seu Clovis, morador na Travessa Sobral. As casas localizadas no último quarteirão, começando pela rua Marechal Deodoro, talvez não pertencessem a Imobiliária José Gentil. Mas estava a ela ligado historicamente.

Na esquina dessa rua existiu a tradicional bodega do Seu Rabelo, onde se procurava o artigo que não era encontrado nas outras do bairro. Assim como a do outro Rabelo localizada no fim da linha do bonde do Benfica. Ainda nesse quarteirão moraram os irmãos René Gouveia de Miranda e Ronaldo Gouveia de Miranda, com relações de amizade no bairro, mas dele se desligaram quando partiram para seguir a carreira militar. O Ronaldo foi coronel do Exército e o Renê, como capitão, desligou-se do Exército e foi professor da UFC.

Foram muitos os moradores da rua Adolfo Herbster; destacamos alguns: José Gomes de Figueiredo, dono de um bar em frente a casa dele, "Porta Larga". O Sr. Pedro Ciarline, engenheiro, casado, quando viúvo de D. Dina Mota Ciarline e pela terceira vez com D. Rosalva do Rego Monteiro. Dentre seus mais de vinte filhos registramos: Clovis, Moacir, Orlando, Rui, Mozart, Júlia, casada com o médico Quintílio de Alencar Teixeira, Carmem, Ernani, Norma, Max, Iolanda e outros; morou por último na Praça das Caixas d'Água, no começo da Avenida Visconde de Cauipe. Pedro Eugênio de Souza, pai do Carlos e do Pedrinho,conhecidos craques de futebol , Luciano e uma irmã, Terezinha. Raul Araújo, advogado, casado com D. Iracema. Jurandi Machado, o "Caranã", funcionário dos Correios e Telégrafos. O Seu Pedro de Souza da Silva, o *Pedrinho*, o mais antigo barbeiro da Gentilândia, mudou-se depois para a Travessa Sobral, casou-se com uma moça que morava na Rua Adolfo Herbster. Tradicional dirigente do time Fortaleza, foi o Sargento (Tenente Coronel na reserva) Mozart Cavalcante Gomes, casado com D. Alzira, e seus filhos Moésio, professor, Mozart, funcionário dos Correios, ambos grandes "craques da bola", Mozira e Marcos. Outros membros família do coronel Mozart Gomes residiram em vários locais da Gentilândia. Seu irmão mais velho Manuel, pai do Noésio, morou no primeiro quarteirão da rua Rodolfo Teófilo.

Tentamos relembrar acontecimentos e nomes de pessoas e famílias que viveram na *Vila Gentil*, para que elas não desaparecessem da história do Benfica. Fizemos uma disquisição do bairro, com o material mais difícil de ser refeito: lembranças daqueles que foram testemunhas daquela época. A essência das coisas muitas vezes está nos detalhes.

A quantidade de casas de toda Gentilândia era semelhante àquela que encontramos concentrada em poucos blocos de apartamentos de hoje, construídas em espaço bem menor. Entretanto, seus moradores pouco se conhecem. Os muros existiam mais para definir espaços do

que para proteger. Os usos e costumes eram morigerados. Havia *sanção social* para quem fugia à regra. A *civilidade* não era um termo obsoleto. Uma mulher não viajava em pé em um ônibus quando estivesse um homem sentado: ele oferecia o lugar. Tínhamos uma aula de *civilidade*, uma vez por semana, na Escola Padre Anchieta. As pessoas geralmente tinham consciência da importância e interdependência com as demais na comunidade. A educação familiar era rígida. Quase todos se conheciam no bairro, principalmente aqueles da vizinhança.

O comércio fechava na hora do almoço para as pessoas irem almoçar em casa. Depois que o serviço de bondes elétricos foi desativado, em 1947, os ônibus fizeram o transporte com eficiência. Às nove horas da noite as famílias costumavam se recolher em suas residências e acordavam cedo. Não havia grande dependência da eletricidade. O eletrodoméstico praticamente não existia, e não eram muitos os que podiam comprá-los. A renda familiar dos assalariados era pequena, como também o supérfluo. Consequentemente não podia haver o consumismo. Materialmente, o que não existe ou não vemos não desejamos. Portanto o pouco que existia contentava. Não era acomodação, mas sim uma realidade. Se eram felizes as pessoas que viveram naquela época somente elas poderiam dizer.

Educação. As crianças e os mais jovens estudavam na *Escola Padre Anchieta*, ou um pouco mais longe, no *Grupo Escolar Rodolfo Teófilo,* localizado na avenida Visconde de Cauipe, em pequenas escolas municipais de primeiras letras existentes na redondeza, no *Ginásio Americano*, *Ginásio Nossa Senhora das Graças*, *Ginásio Santa Cecília*. Naquela época o ensino público e privado tinham a mesma qualidade. A tradição, os bons costumes e a civilidade eram adquiridos nos lares. As escolas e grupos escolares apresentavam-se como instrumentos importantes na complementação do que se aprendia no meio familiar. A maioria das mães era doméstica. O pai era o provedor, "chefe de família".

Segurança. Apesar de a iluminação pública ser deficiente não era perigoso andar na rua tarde da noite. Mesmo assim, existia a *Guarda Civil de Fortaleza*, eficiente. Nos locais mais distantes havia a *Cavalaria Militar* fazendo ronda. Os *arrombadores* de casas residenciais e comerciais eram considerados muito perigosos, os *batedores de carteiras*, quando presos, eram notícia na página policial dos jornais. Indesejados eram *os ladrões de galinha* das casas que tinham quintal e criavam *penosas*. Outro furto costumeiro era o de *latas de lixo* que eram colocadas nas

calçadas para o *carro do lixo recolher*. Essas latas que eram receptáculos para guardar querosene para venda, produto de grande consumo naquele tempo, tinham serventia para os ladrões fazer fogareiros especiais para as pessoas mais pobres. Quem não quisesse ser roubado, fazia vários furos antes de usá-las.

Saúde. A medicina era muito limitada. A maioria dos medicamentos conhecidos atualmente não existia. Dentre eles os antibióticos. As mezinhas tradicionais feitas com produtos naturais eram muito usadas. Alguns mais avançados conheciam os remédios homeopáticos. Não foram muitos os médicos que moraram na Vila Gentil (Dr. Pinheiro, Dr. Mário de Assis, Dr. Luiz Gualter de Alencar Araripe, Dr. Leiria de Andrade, Dr. Pamplona, Dr. Honório Correia Pinto, oftalmologista). Esse dois útimos, residiam no rua 13 de Maio. O atendimento domiciliar era costumeiro. As mulheres davam à luz assistidas por "parteiras diplomadas", por sinal muito competentes. O parto era considerado um procedimento perigoso. A mulher, quando podia, passava uma semana na cama e um mês de *resguardo*, comendo galinha. O comércio dessas aves é um caso a parte. Aconselhava-se que ela comesse muito doce, para criar leite. A *Farmácia Arthur* de *Carvalho* era a única existente no bairro. Concentravam-se mais no centro da cidade. Entretanto, não demorava muito para chegarmos lá. O trânsito era livre. A *Santa Casa de Misericórdia* dedicava-se ao atendimento de pessoas carentes. A *Assistência Municipal de Fortaleza* era eficiente nos atendimentos de emergência, como o *Centro de Saúde*, localizado na rua General Facundo, esquina com a Praça José de Alencar, no atendimento médico em geral à população de Fortaleza.

Não existiam *shoppings* ou supermercados. Como em toda a cidade, as numerosas mercearias e bodegas, localizadas em esquinas, vendiam para as residências o essencial dos mantimentos necessários. O leite era comercializado *in natura* nas residências por leiteiros montados em burros e depois em um entreposto de venda de leite, localizado na rua Padre Francisco Pinto. Tradicional no bairro foi "Seu" Oscar que vendia o dele, trazido de uma vacaria localizada nos fundos onde atualmente existe o Centro de Cultura Francesa da UFC, na Avenida da Universidade. O pão era vendido por padeiros diretamente nas casas, ou nas bodegas. Quem trabalhava no centro da cidade podia trazer esse alimento para casa. Por não ser generalizado o uso de geladeiras, a *carne verde,* já pesada, em porções de meio, ou quilo era vendida por *carniceiros* ambulantes que vinham em burros portando depósitos especiais onde eram guardadas,

ou em alguns açougues do bairro. Os *figueiros,* do mesmo jeito vendiam fígado e miúdos de bois. O Matadouro Modelo de Fortaleza ficava próximo da Gentilândia, logo depois da *Lagoa do Tauape,* o que facilitava esse comércio. A comida era cozinhada em fogões de lenha ou de carvão e posteriormente em fogões a querosene. Algumas bodegas vendiam lenha. A água potável era transportada em quatro barriquinhas, de madeira ou de zinco, no lombo de jumentos por aguadeiros trazida de um poço profundo localizado na rua Marechal Deodoro, pertencente ao negociante Zuca Accioly. Essa água não era tratada, sendo guardada em potes de barro, do qual era passada depois para *quartinhas* ou filtros. Compravase verduras diariamente aos verdureiros e não havia variedade delas. Os ovos de galinha eram também vendidos pelo *vendedor de ovos*, e não era um produto disponível facilmente. Era comum nas casas que possuíam quintais haver *galinheiros*.

Os pedintes de esmolas, que não eram numerosos, geralmente portavam três sacos de pano de tamanhos diferentes, um dentro do outro, onde colocavam as doações; farinha, arroz, feijão, banana, bolachas e pão sêco. Em um pequenino, guardavam as moedas recebidas geralmente de 100 réis (um tostão), 200 réis, 400 réis (um cruzado), ainda em uso naquela época, correspondendo a 10, 20 e 40 centavos de cruzeiro.

Essa foi uma pequena memória histórica da *Vila Gentil.*

Foto 18 - Fotografia de antigos moradores da Vila Gentil. Sentados: Fátima Gondim, Elisanda, Joceleida, José Maria, José Elislande; em pé: Jacques, José Mário, Abiano, Vicente, Luciano, Elmo, Edgard, Rany, Luis Carlos, e Pedro Alberto (Pierre). (Arquivo do autor).